

## O PASSO DOS NEGROS: UM LUGAR COM MUITAS HISTÓRIAS

DAYANNE DOCKHORN SEGER<sup>1</sup>; ISIS KARINAE SUÁREZ PEREIRA<sup>2</sup>; DAIANA OLIVEIRA FÉLIX DE OLIVEIRA<sup>3</sup>; GUILHERME RODRIGUES RODRIGUES<sup>4</sup>; LOUISE PRADO ALFONSO<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– [dayannedockhorn@gmail.com](mailto:dayannedockhorn@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [isiskspereira94@gmail.com](mailto:isiskspereira94@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [daianablack@live.com](mailto:daianablack@live.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - [guilhermerdr.rodrigues@gmail.com](mailto:guilhermerdr.rodrigues@gmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [louise\\_alfonso@yahoo.com.br](mailto:louise_alfonso@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é desenvolvido desde o segundo semestre de 2014 na região denominada Passo dos Negros, às margens do Canal São Gonçalo, em Pelotas, como continuação da pesquisa de pós-doutorado “Um olhar sobre o passado e o presente do negro em Pelotas: possibilidades de inclusão da comunidade no discurso e na prática arqueológica”. Atualmente está configurado como projeto de extensão e pesquisa vinculado ao GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos), do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas.

Inicialmente, a finalidade do projeto era a realização de uma pesquisa arqueológica colaborativa com as comunidades atuais que vivem na região, uma vez que o local apresenta sítios de interesse arqueológico (complexos charqueadores do período escravocrata e um engenho de arroz do período pós-abolição tombado pelo município, bem como sítios arqueológicos pré-coloniais não cadastrados) (GUTIERREZ, ROCHA, 2001, 2014). Nesse sentido, realizaríamos o trabalho de campo com pontos previamente estipulados através da pesquisa arqueológica, incitando os interlocutores a pensar a história do local.

Baseados no método etnográfico, ao longo do trabalho de campo foi possível perceber a região em suas diversas formas de acordo com elementos específicos que eram repetidamente destacados pelos próprios interlocutores. Passamos a ver a comunidade do Passo dos Negros como grupo heterogêneo, composto por diferentes identidades e memórias sobre a história local (HALBWACHS, 1990), as quais guiaram nossa pesquisa conforme seus interesses. Desse modo, as histórias pessoais surgiram diante dos pesquisadores entrelaçadas com as histórias do local (BOSI, 1979), modificando nossos objetivos para além da pesquisa arqueológica.

A partir desse momento, refletimos sobre diversas questões, a saber: moradia, pensando em cidadania, mas considerando os distintos modos de habitar (DE CERTEAU, 1998); acesso a políticas públicas; discursos oficiais normativos que consideram aquele lugar um “problema” para o progresso da cidade; relações entre humanos e não-humanos; religião, através da presença de casas de religião de matriz africana e oferendas em alguns pontos específicos do Passo, entre outros.

Desse modo, começamos a pensar o espaço como totalidade, relacionando passado e presente dos moradores intimamente. Nosso objetivo neste trabalho é apresentar o Passo dos Negros habitado por seus moradores, dissertando sobre a construção da pesquisa.

## 2. METODOLOGIA

O método escolhido para a pesquisa foi a etnografia, possibilitando uma aproximação entre a Antropologia e a Arqueologia. Conforme Roberto Cardoso de Oliveira (2000), o trabalho do antropólogo constitui-se em ir à campo, treinando o olhar, o ouvir e o escrever. Através de diferentes olhares para o Passo dos Negros, foi possível obter uma nova visão sobre o espaço, distinta daquela criada pelos discursos oficiais.

O grupo com o qual começamos a pesquisa, em 2014, era grande e heterogêneo, e realizávamos trabalho de campo duas vezes por semana. Caminhávamos pelas ruas do Passo dos Negros, observando o lugar, e quando tínhamos a possibilidade de conversar com alguém, o grupo se apresentava e realizava uma entrevista aberta. Desse modo, traçamos uma rede de contatos e com o tempo ficamos conhecidos no bairro, o que fez com que o diálogo se tornasse mais fluído. As técnicas usadas para guardar as informações foram anotações nos diários de campo, gravação de voz em gravadores e gravação de imagem com câmaras fotográficas. Com o término das primeiras idas a campo e início da análise de dados, o grupo diminuiu.

Constituiu-se como um procedimento da pesquisa a divulgação dos dados logrados, num primeiro momento na Semana da Consciência Negra (2014), realizada pelo Departamento de Antropologia da UFPEL, e logo após no próprio Passo dos Negros. Tendo em vista que os dados que abordamos dizem respeito à história e herança da comunidade, consideramos como parte da pesquisa a devolução e a restituição.

O ano de 2015 definiu-se como um longo processo de análise de dados e discussões em eventos. Transformando o espaço em um lugar significado, deixamos de pensá-lo a partir de suas carências, e ele passa a ser percebido pelas formas de habitar, incluindo na pesquisa os diferentes grupos que o constituem.

Em 2016, a partir dos pontos de interesse já estabelecidos e da reflexão sobre a importância de trabalhos de campo na formação de antropólogos e arqueólogos, decidimos cadastrar a pesquisa também como projeto de extensão, o que traz novos estudantes ao grupo. Foram realizados encontros semanais para a apresentação do projeto e discussão do espaço a partir de bibliografias previamente selecionadas, ampliando as discussões teóricas. Até o momento, ocorreram duas idas à campo com o novo grupo, permitindo perceber como os diferentes olhares constroem aquele lugar, além das próprias transformações pelas quais o espaço passou.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi em campo que concebemos o Passo dos Negros como um lugar heterogêneo, marcado por diferentes identidades e memórias de acordo com as trajetórias pessoais dos moradores. Através dos diferentes grupos que identificamos e suas narrativas, foi-nos possível conhecer a riqueza histórica da região e sua realidade atual, caracterizada pelo esquecimento por parte dos órgãos municipais e pela marginalização em relação aos demais bairros da cidade.

Tanto a paisagem como a comunidade têm se transformado ao longo do tempo em função das mudanças econômicas e ao trânsito constante de habitantes, que moldam seus perfis. Atualmente, são diferentes grupos pelos quais podemos compreender o espaço e suas segmentações: o primeiro é

formado por moradores mais antigos, constituindo pelo menos a terceira geração naquele lugar; o segundo grupo é composto pelos moradores mais recentes, com pessoas oriundas de outros bairros da cidade, mas que permanecem ali há pelo menos uma década; o terceiro grupo é mais recente, chamados de “posseiros”, habitam a região há pouco tempo em casas de madeira; o quarto grupo é formado por moradores de grandes propriedades, localizadas na beira do canal, demarcando diferenças e distanciamento a partir dos portões de ferro, muros altos e alarmes de segurança; o quinto grupo é composto pelos moradores do condomínio de luxo construído após a desapropriação de muitos moradores antigos, demarcado por um muro verde que tem “suas costas” para a comunidade, no qual faz com que a relação entre os habitantes se dê apenas pelo muro que é um símbolo de separação, estigma, poder e status social; o sexto grupo é formado pelos pescadores, com moradias na beira do canal; e, por fim, o sétimo grupo conformam os pescadores “de mentira”, definidos dessa forma pelos outros moradores, sendo aqueles que estariam apenas interessados nos benefícios governamentais voltados à atividade pesqueira.

Trabalhando sob a perspectiva de um conhecimento compartilhado, tornou-se possível criar espaço para o envolvimento da comunidade na pesquisa, ao mesmo tempo em que permitiu que ela experimentasse e dialogasse com a especificidade histórica e antropológica de suas identidades culturais (LITTLE, 2009).

#### 4. CONCLUSÕES

O ato de escrever é o momento de reflexão dos pesquisadores, e é justamente na prática etnográfica que as percepções do lugar se reconstróem, formando uma narrativa. Roy Wagner (2010) apresenta a cultura como sendo uma invenção do pesquisador, é o ato de pensar aquele espaço, parafraseando-o, "é uma filosofia com gente dentro". Todo este processo constitui a etnografia. Por esta razão, Peirano (2014) afirma que etnografia não é método, isto é, não existe uma receita de como fazê-la, porque o que constitui a etnografia são as percepções do pesquisador do campo e da teoria, e essa atividade é nada menos do que a construção de um saber, sendo na escrita que a disciplina se revoluciona (STRATHERN, 2014).

A revolução desta pesquisa é tornar esse saber algo coletivo. Nossa etnografia é feita em grupo, o que a torna diferente das etnografias clássicas. Porém, era o que a constituição da Antropologia brasileira indicava no momento em que criou cursos de graduação em Antropologia, deixando de ser uma formação apenas de pós-graduação. O esforço em formar antropólogos, pensando na profissionalização da área implica em ensinar a etnografar também fora da sala de aula.

A pesquisa não tornou possível apenas a formação política e ética de estudantes de Antropologia, mas proporcionou ao grupo pesquisado a possibilidade de contar sua história a partir dos *banners* usados na exposição da Semana da Consciência Negra e no Clube Pedro Osório. Hoje esses *banners* estão dispostos nas paredes do clube, junto a outras fotos e troféus que contam a história do Passo dos Negros.

Os problemas discutidos sobre desapropriação de moradores de suas casas, a valorização da área para construção de condomínios de luxo, falta de políticas de pesca e de acesso a benefícios básicos como saneamento, água e luz fornecidos pelo Estado levaram o grupo a traçar uma luta pela cidadania, valorizando a cultura, mas problematizando discursos hegemônicos que colocam

aqueles grupos distantes do Estado. Pensando que escritas antropológicas politicamente engajadas se tornam em ferramentas de luta (STRATHERN, 2014), apresentamos o Passo dos Negros em inúmeros eventos regionais, nacionais e internacionais, subsidiando intervenções institucionais e provocando uma transformação social.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras. 1979.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. 1998.
- GUTIERREZ, E. J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. 2ª ed. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL. 2001.
- HALBWACHES, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértica. 1990.
- LITTLE, B. J. What Can Archaeology Do for Justice, Peace, Community, and the Earth? **Historical Archaeology**. 43(4):115–119. 2009.
- OLIVEIRA, R. C. de. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Paralelo 15, 1998.
- PEIRANO, M. **Etnografia não é Método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.2., n.42, p. 1-14, 2014.
- ROCHA, M. G. **Arqueologia da Escravidão e Patrimônio Cultural no Passo dos Negros (Pelotas, RS)**. 2014. 156 f. Dissertação. (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Pelotas.
- STRATHERN, M. **O Efeito Etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- WAGNER, R. **A Invenção da Cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.